

Saída de dólares do Brasil em 2024 é a terceira maior série histórica

Saída de dólares do Brasil em 2024 é a terceira maior da série histórica

País tem fluxo cambial negativo de US\$ 15,9 bi, com fuga recorde de US\$ 84,4 bi na via financeira; reservas internacionais registram recuo nominal de 9,2% em dezembro

Tamara Nassif, Gustavo Soares e Douglas Gavras

SÃO PAULO O Brasil registrou em 2024 um fluxo cambial negativo de US\$ 15,918 bilhões, a terceira maior saída líquida anual de dólares do país na série histórica do BC (Banco Central), iniciada em 2008. Os dados ainda são preliminares, até o dia 27 de dezembro.

O resultado só perde para os registrados em 2019 e 2020, durante o governo Jair Bolsonaro, quando as saídas líquidas foram de US\$ 44,768 bilhões e US\$ 27,923 bilhões, respectivamente. Foram anos marcados pelas taxas de juros menores, volatilidade do câmbio e pandemia de Covid-19. Em 2024, o dólar acumulou alta de 27% e encerrou o ano cotado a R\$ 6,18. O câmbio foi pressionado por fatores domésticos e internacionais.

Da ponta interna, o período foi marcado pelo acirramento das preocupações do mercado com o cenário fiscal brasileiro. "É essa a grande justificativa pela saída expressiva de dólares daqui", diz Wagner Varejão, especialista da Valor Investimentos.

Na análise dos agentes financeiros, o governo Lula tem coberto gastos crescentes com receitas pontuais, o que ameaça a longevidade do arcabouço fiscal e a estabilidade das contas públicas.

O equilíbrio econômico de um país é um dos principais fatores levados em consideração por investidores internacionais na hora de tomar decisões de investimento. Se há fatores de insegurança em jogo, é comum que os operadores escolham ativos mais seguros — como o dólar — para proteger seus recursos.

"Quando você tem um endividamento público explosivo em um determinado país e a percepção de que o governo não vai conseguir conter esse crescimento, os investidores se sentem menos confortáveis de investir nele", diz Thais Zara, economista-sênior da LCA Consultores.

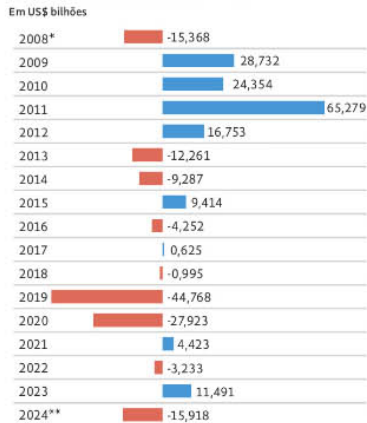
Nicola Tingas, economista chefe da Acrefi (Associação Nacional das Instituições de Crédito, Financiamento e Investimento), diz que a taxa de câmbio é síntese de toda uma economia. Quando ela está desvalorizada, representa um risco de que alguma coisa está com problemas.

"E, no caso, a nossa pressão relativa em relação ao dólar vem piorando por conta do cenário externo, das taxas de juros americanas, que ainda estão num patamar histórico muito alto e da percepção conjunta de que o risco americano é melhor do que o brasileiro. E aqui dentro, evidentemente, o maior gatilho para a violenta deterioração caminhou da foi exatamente o risco fiscal. No acumulado do ano, a



Da esq. para dir., o novo diretor do BC Gilneu Vivan, o presidente Gabriel Galipolo e os novos diretores Izabela Correa e Nilton David, em imagem divulgada nesta quinta bancocentraldobrasil/instagram

Movimento de câmbio contratado mostra saída de dólares em 2024



*de set a dez.08
**dados preliminares até 27.dez.24
Fonte: Banco Central

Moeda americana tem queda no início de 2025

O dólar fechou cotado a R\$ 6,162 nesta quinta-feira (2), primeira sessão de 2025. A sessão, marcada pela baixa líquida comum à época, foi também de volatilidade.

A moeda norte-americana chegou a bater R\$ 6,226 na máxima do dia, mas perdeu fôlego e virou para queda no início da tarde.

Já a Bolsa caiu 0,13%, aos 120.125 pontos.

via financeira foi negativa em US\$ 84,396 bilhões, resultado de US\$ 589,989 bilhões em compras e US\$ 674,385 bilhões em vendas — por esse canal, são realizados investimentos estrangeiros diretos e em carteira, remessas de lucro, pagamento de juros, entre outras operações. É o maior saldo negativo da série histórica.

Já o saldo do comércio exterior foi positivo em US\$ 68,478 bilhões em 2024, com exportações de US\$ 298,456 bilhões e importações de US\$ 229,978 bilhões.

Para o economista-chefe da MB Associados, Sergio Vale, a saída de dólares em 2024 é efeito da deterioração fiscal que tem sido construída nos últimos dois anos.

"Nós temos uma economia aquecida pela própria política fiscal, que eleva a inflação e de-

Entenda o fluxo cambial do Brasil registrado pelo BC

O fluxo cambial, monitorado pelo Banco Central, é composto por dois principais canais que refletem como dólares entram e saem do país: o canal comercial e o canal financeiro

CANAL COMERCIAL

Representa a soma das entradas de divisas estrangeiras no país resultantes de bens e serviços vendidos ao exterior (exportações) com as saídas para pagar os adquiridos no exterior (importações), refletindo o desempenho do setor externo

CANAL FINANCEIRO

É o saldo de entradas e saídas de dólares por meio de Investimentos Estrangeiros Diretos (IED), remessas de lucros e dividendos por empresas multinacionais no país, empréstimos e financiamentos internacionais etc. É mais influenciado pelas taxas de juros, percepção de risco e expectativas sobre a economia do país

timam que até R\$ 20 bilhões da conta original vão deixar de ser poupados.

O anúncio do pacote fiscal, combinado ao de uma reforma no Imposto de Renda, fez o dólar cruzar a marca de R\$ 6 no final de novembro — período em que já é esperado um estresse adicional no mercado de câmbio por conta do forte fluxo de remessas internacionais.

Só em dezembro, o fluxo cambial total foi negativo em US\$ 24,314 bilhões, movimento também puxado pela via financeira. Desse total, houve saída de US\$ 26,042 bilhões pelo canal financeiro e entrada de US\$ 1,728 bilhões pelo canal comercial.

A demanda por dólares motivou uma série de leilões da moeda pelo BC nas últimas semanas. Foram 14 intervenções só no mês de dezembro, com mais de US\$ 32 bilhões injetados no mercado.

Na prática, os leilões aumentam a quantidade de dólares disponíveis aos investidores e, assim, atenuam disfuncionalidades nas negociações. É a lei da oferta e demanda: quanto mais moeda puder ser comprada, menor vai ser a cotação dela.

Com a intervenção do Banco Central, as reservas internacionais do Brasil, uma espécie de poupança do país em dólares, caíram de US\$ 363 bilhões no fim de novembro para US\$ 329,73 bilhões em 31 de dezembro. A queda nominal de US\$ 33,27 bilhões é a maior já observada para um mês na série histórica do BC, iniciada em setembro de 1998.

Em termos percentuais, houve um recuo nominal de 9,2%. Nesta comparação, é a maior redução nominal desde dezembro de 2005, quando as reservas internacionais representavam um valor menor. Na época, elas caíram de US\$ 64,3 bilhões para US\$ 53,8 bilhões (recuo de 16,3%).

A chegada do dólar à marca de R\$ 6 também é atribuída a fatores internacionais: as expectativas sobre a economia dos Estados Unidos sob Donald Trump, que tomará posse no próximo dia 20 de janeiro, e a política monetária do Fed (Federal Reserve, o banco central norte-americano).

Caso cumpra as promessas de campanha, Trump aumentará tarifas e fará deportações em massa. "São medidas consideradas inflacionárias e nada triviais. Vão forçar o Fed [Federal Reserve, o banco central dos EUA] a manter juros altos e eventualmente até subir a taxa, o que pode pesar ainda mais no dólar", diz Paulo Gala, economista-chefe do Banco Master.

Os juros norte-americanos estão atualmente na faixa de 4,25% a 4,5%, depois de um corte de 0,50 p.p. e outros dois de 0,25 p.p no último semestre. As previsões de uma inflação acelerada com Trump, somadas a dados econômicos mais benignos, fizeram a autoridade monetária sinalizar um ritmo mais lento de flexibilização no próximo ano.

A economia dos EUA é considerada a mais segura do mundo e, em tempos de juros altos, é comum que investimentos sejam dirigidos para lá. Isso fortalece o dólar.

Colaborou Idiana Tomazelli

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mercado Caderno: A Pagina: 10